



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-
RIO-GRANDENSE - CAMPUS PELOTAS
CURSO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA GRADUADOS NÃO LICENCIADOS**

MATEUS AVILA DE OLIVEIRA

**INSERÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DE UM CURSO TÉCNICO DO
CAMPUS PELOTAS DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE**

Pelotas
2021

MATEUS AVILA DE OLIVEIRA

**INSERÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DE UM CURSO TÉCNICO DO
CAMPUS PELOTAS DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE**

Artigo monográfico apresentado no curso de Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados do Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Administração, sob a orientação do professor Dr. Jair Jonko Araújo.

Pelotas
11 de janeiro 2021

INSERÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DE UM CURSO TÉCNICO DO CAMPUS PELOTAS DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

Mateus Ávila de Oliveira
Jair Jonko Araújo

Resumo

Este artigo é o resultado de uma pesquisa que acompanhou a trajetória dos egressos de uma turma de técnicos do Campus Pelotas do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), com o objetivo de compreender e discutir o processo de inserção profissional, enfatizando as dificuldades e decisões que tomaram a partir do contato com o mundo do trabalho. Desta forma, a fim de atingir os objetivos propostos no estudo, buscou-se identificar a percepção dos egressos com a sua formação e o mundo do trabalho, o seu nível de interesse em atuar na carreira técnica no mundo do trabalho e reconhecer a importância do ensino técnico ou a sua coadjuvância no cenário atual brasileiro, e por fim, observar se os egressos vão em busca de especialização após iniciar a carreira profissional.

Os dados foram coletados por meio de mensagens de textos trocadas com oito egressos entre 2019 e 2020. As respostas foram analisadas a partir de dimensões desenvolvidas no âmbito das discussões do conceito de inserção profissional.-

Conclui-se esta pesquisa identificando que a maior parte dos egressos se inseriram no mundo do trabalho e estão satisfeitos com suas condições de atuação profissional.

Palavras-chave: Inserção profissional. Mundo do trabalho. Ensino técnico.

1. INTRODUÇÃO

A partir de uma série de transformações ocorridas no acesso ao sistema de formação e ao mundo do trabalho brasileiro nas últimas décadas, o país passou, dos anos 2000 até 2014, por um crescimento das taxas de emprego que afetou positivamente o mundo do trabalho relativo à demanda por mão de obra com formação técnica. Parte desta força de trabalho era oriunda dos Centros de Formação Tecnológica, que em 2008 foram transformados em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF's), que além da formação técnica de nível médio avançam na oferta de educação superior de graduação e pós-graduação e também na pesquisa e na extensão.

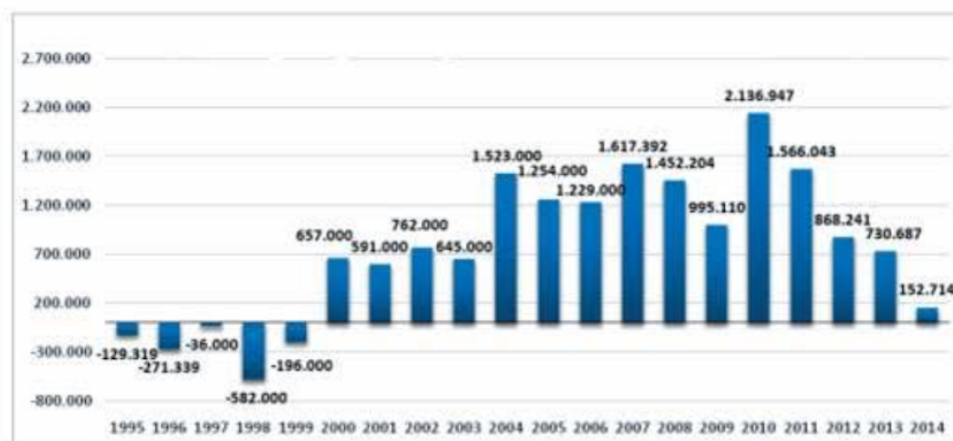
Os rumos da política nacional foram alterados a partir de 2014, fazendo com que o país entrasse em um período de recessão. Segundo o IBGE as taxas de desemprego se elevaram a índices semelhantes aos do final do século passado, atingindo a marca de 12% no segundo semestre de 2019. Os resultados desta recessão foram fechamentos de empresas, redução de postos de trabalho e consequentemente a redução por demanda de mão de obra especializada.

Para exemplificar, entre 2004 e 2010 o investimento global (público mais privado) cresceu a uma taxa média real de cerca de 8,0% ao ano, portanto, acima do crescimento do PIB, enquanto, no período 2011-2014, cresceu apenas a 1,8% ao ano, conforme mostram Serrano e Summa (2018, p.23).

Nesse contexto de perda de dinamismo dos investimentos e de pressões inflacionárias que só não se materializavam de forma mais efetiva por conta de uma estratégia de represamento de preços administrados, o fôlego do crescimento econômico e do dinamismo do mercado de trabalho arrefecia e isso se refletia nos dados expostos tanto no Gráfico 1 (que se refere apenas ao emprego formal), permitindo ainda uma redução (porém, a um ritmo cada vez menor) da taxa de desemprego (Gráfico 2).

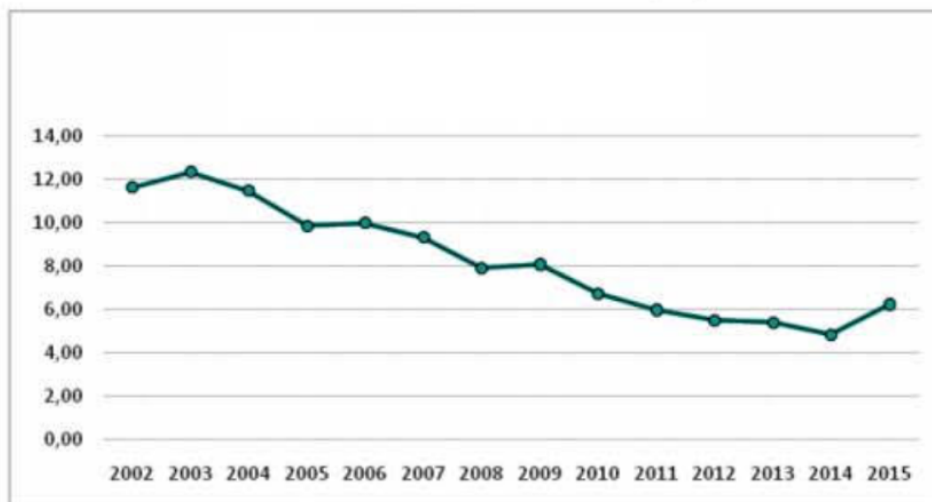
Na sequência encontram-se os gráficos 1 e 2 para ilustrar a citação dos autores acima.

Gráfico 1 – Geração líquida de postos formais de trabalho



Fonte: CEAGED

Gráfico 2 – Taxa média anual de desemprego



Fonte: PME / IBGE

Esse cenário, somado à flexibilização das leis trabalhistas, colocam jovens e adultos a disputarem reduzidas vagas de emprego, muitas vezes precarizados e com subvalorização salarial. É de senso comum que, em muitos casos, os jovens são excluídos pela falta de experiência. Por outro lado, o aumento da oferta de vagas no ensino superior, também pode influenciar na postergação do ingresso dos jovens na vida profissional.

Com isso, a inserção dos jovens brasileiros no mundo do trabalho acaba gerando insegurança, seja por baixos salários, vínculos informais e jornada de trabalho que não permite conciliar os estudos os quais possibilitariam, quem sabe, uma perspectiva de avanço profissional em suas carreiras.

A partir deste contexto ganha importância a discussão, análise e acompanhamento do processo de inserção profissional juvenil no mundo do trabalho a partir da conclusão da sua formação técnica, visando identificar as dificuldades dos jovens em ocupar postos no mundo do trabalho.

Este texto é o resultado de uma pesquisa que acompanhou a trajetória de egressos de uma turma de técnicos do Campus Pelotas do IFSul com o objetivo de compreender e discutir seu processo de inserção profissional, enfatizando suas dificuldades e decisões que tomaram a partir do contato com o mundo do trabalho. Qual a percepção dos egressos da turma com o mundo do trabalho? Quais suas dificuldades? Que decisões tiveram que tomar para ingressar ou não na carreira profissional. A pandemia do Covid-19 afetou de alguma forma sua relação com o mundo do trabalho?

Como discutirei adiante, os estudos acerca do assunto, se limitam, majoritariamente, a pesquisas empíricas, não sendo acompanhadas de discussões teóricas que busquem desenvolver um conceito de inserção profissional que contemple as especificidades socioeconômicas brasileiras, mudanças recentes nas leis trabalhistas e a expansão de vagas no ensino superior.

Este estudo divide-se em quatro seções, além desta introdução. Nas próximas duas seções apresento a construção da pesquisa e desenvolvo reflexões acerca do conceito de inserção profissional. Na seção seguinte apresento o processo de acompanhamento dos jovens após a conclusão do ensino técnico, apresentando suas trajetórias e dificuldades tendo por referência elementos teóricos discutidos no texto.

Na última seção apresento as considerações finais, onde realizo algumas conclusões sobre evidências encontradas nesta pesquisa.

2. A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa teve início durante o segundo semestre do ano de 2019 no IFSul campus Pelotas, instituição fundada em 1943, a qual forma força de trabalho de qualidade reconhecida, com egressos atuando em todo Brasil e no exterior.

Atualmente, além dos cursos técnicos nas modalidades integrado, em que os estudantes cursam as disciplinas regulares do ensino médio e do curso técnico, subsequente, no qual os estudantes, após terem concluído o ensino médio, cursam somente as disciplinas do ensino técnico, e concomitante, com os estudantes cursando as disciplinas técnicas em paralelo com o ensino médio em outra instituição, também oferta vagas de ensino superior em cursos de graduação e pós-graduação (especialização, mestrados e doutorado).

O curso técnico em estudo é um dos primeiros cursos desenvolvido na instituição, tem organização semestral e com oferta nas formas subsequente ou concomitante, habilitando profissionais técnicos de nível médio, tornando-os capazes de desenvolver e executar atividades relacionadas às áreas de projetos, fabricação e manutenção. Minha proximidade com este ambiente ocorreu porque, como discente do curso de Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados, ofertado pela mesma instituição, desenvolvi o estágio em uma turma concomitante deste curso. Nesta atividade criei um vínculo com os estudantes: tive a oportunidade de acompanhar suas expectativas, dúvidas e incertezas com relação ao seu futuro profissional, muitas vezes compartilhando experiências profissionais que vivi, como forma de incentivá-los a seguir em frente e não desistir. Considero importante destacar que a estreita relação com a turma ultrapassou os limites de sala de aula: fui convidado pela turma para sua formatura, seguidamente falamos por redes sociais e realizamos um jogo de vôlei de confraternização em dezembro de 2019.

As dúvidas, expectativas e incertezas dos estudantes me motivaram a realização desta pesquisa, visando acompanhar seu processo de inserção no mundo do trabalho. Algumas inquietações que me moviam:

- Terão maiores dificuldades devido à falta de postos de trabalho técnico gerada pela Crise econômica atual?
- Há resistência do mundo do trabalho em empregar mão de obra feminina em meio a predominância de força de trabalho masculina?

A turma objeto dessa pesquisa era composta por oito jovens entre os 18 e 21 anos, sendo quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino, que para manter o anonimato, identifiquei como egressos “A, B, C, D, E, F, G e H”, sendo a ordem de acordo com o recebimento de seus relatos, não obedecendo ordem alfabética ou relação ao sexo (feminino e masculino). O ponto de partida da pesquisa, ocorreu ainda durante o semestre letivo que eu lecionava a disciplina de Gestão, quando apresentei a ideia de realizar o acompanhamento da turma como tema do meu Trabalho de Conclusão do Curso, sendo que todos estudantes se mostraram motivados e dispostos a colaborar com informações após a conclusão do curso. Visando facilitar a

comunicação durante o estágio dos egressos, criei um grupo de Whatsapp que era utilizado para dirimir dúvidas sobre os conteúdos da disciplina, ficando acertado que o mesmo seria utilizado posteriormente como nossa ferramenta de comunicação após a formatura. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, uma que vez estou interessado nas interpretações que os egressos realizaram no seu processo de inserção profissional (FLICK, 2009a; FLICK, 2009b).

A coleta de dados qualitativos foi realizada por meio de perguntas enviadas por mensagens ao grupo, de forma que todos tivessem acesso, com as respostas enviadas por meio de mensagens privadas ao meu celular, dando maior liberdade e privacidade aos egressos para contarem suas trajetórias. Do ponto de vista temporal, o primeiro contato mais formal foi realizado em sala de aula, o segundo através de entrevista no grupo de Whatsapp após a formatura, em setembro de 2019, e o terceiro um pouco mais de um ano depois, em novembro de 2020.

Ainda que entenda que este processo não se caracterize formalmente como entrevistas (YIN, 2016), adotarei, por simplificação, este termo para me referir a estes eventos de contato com os estudantes.

Na Entrevista 1, realizada em setembro de 2019, pedi aos estudantes que me informassem (1) se estão trabalhando, (1a) em que empresa, (1b) quais as dificuldades que estão encontrando, (2) se não estão trabalhando, (2a) quais as principais dificuldades que encontraram, (2b) o que estão fazendo e (2c) se optaram por seguir os estudos, o porquê desta decisão.

Na Entrevista 2, realizada em novembro/2020 (em meio a pandemia Covid-19), da mesma forma solicitei aos estudantes que me informassem (3) se estão trabalhando, (3a) em que empresa, (3b) quais as dificuldades que estão encontrando, (4) se não estão trabalhando, (4a) quais as principais dificuldades que encontraram, (4b) o que estão fazendo e (4c) se optaram por seguir os estudos, o porquê desta decisão.

No âmbito deste último contato, solicitei aos estudantes que fizessem sua autodescrição, buscando compreender como eles se descrevem, a fim de interpretar de forma mais correta suas narrativas.

De posse desse conjunto de informações foi montado um arquivo de coleta de dados, o qual embasou a análise dos dados (GIBBS, 2009) e gerou subsídios para as análises e conclusões que seguem no decorrer do trabalho. Discutirei, na penúltima seção, informações coletadas a partir das respostas dos estudantes tendo por base as dimensões discutidas no âmbito do conceito de inserção Profissional que será aprofundado na próxima seção.

3. INSERÇÃO PROFISSIONAL

Segundo Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012b) em âmbito mundial, as discussões sobre o processo de transição entre a formação e a entrada no mundo do trabalho como tema de pesquisa são relativamente recentes e originaram diversos termos com múltiplas interpretações. Neste artigo optamos pelo termo inserção profissional, que segundo estes autores originou-se na França nos anos 1970, em substituição a entrada na vida ativa.

Alves (2007) discute que o termo inserção profissional surge no momento em que se acentuam as dificuldades enfrentadas pelos jovens ao concluírem sua formação escolar e ingressarem no mundo do trabalho, passando a ser esse um processo longo e complexo, de idas e vindas entre atividades temporárias e desemprego.

Em função de drásticas mudanças no mundo do trabalho, houve a necessidade de estudos e reflexões sobre o tema da inserção profissional, em um cenário muito semelhante ao que ocorreu no Brasil a partir de 2014, a França passou pelo mesmo processo nos anos 90. Nesse contexto, os estudos tomaram duas linhas teóricas: a de base econômica e a de base sociológica, segundo **Martins; Scherdien**; Rocha-de-Oliveira (2019, p. 566-576):

A primeira, por possuir um viés macroeconômico e longitudinal, possibilita, acompanhar as mudanças de mercado em um momento no qual a crescente crise do emprego e as transformações do trabalho tornam a análise ainda mais complexa. Todavia, centra-se em demasia na maximização da capacidade produtiva do indivíduo, limitando-se a mecanismos econômicos de compreensão de um mercado de concorrência perfeita.

Com base na teoria acima, correntes teóricas brasileiras passaram a introduzir a partir de linhas de pensamento educativo neoliberais, disciplinas de empreendedorismo e gestão, visando dar ao estudante a alternativa de empreender em sua carreira.

Ainda sustentado por Martins; Scherdien; Rocha-de-Oliveira (2019):

Ao estudar a inserção profissional dos jovens quando esta se tornou um problema social na França, na metade da década de 1970, entendemos que a concepção da inserção profissional é uma construção histórica, pois resulta de duas rupturas, tendo a primeira ocorrido a partir da segunda metade do século XIX, com a separação entre o espaço de formação (instrução e educação) e o espaço de trabalho (emprego e renda), produzindo um corte entre a vida privada, sem trabalho e centrada na família, e a vida profissional, logo, a segunda ruptura se deu mais recentemente pós crises econômicas e políticas no país, e caracteriza-se pela descontinuidade entre a saída dos estudos e a entrada no mercado de trabalho que corresponda ao nível de formação (p. 566-576).

Ao contrário de décadas anteriores, quando as empresas selecionavam técnicos antes destes concluírem sua formação, o diploma deixou de assegurar a entrada no mundo do trabalho em uma vaga que corresponda ao seu nível de formação. Assim, criou-se um novo espaço, caracterizado pela competição por empregos, uma condição que, dependendo da área, contabiliza números menores de vagas do que candidatos com formação.

No Brasil, esta situação se materializou em função da expansão do Ensino Superior, da mudança na forma de ingresso com maior democratização ao acesso às vagas no ensino superior, que anteriormente ocorria somente via vestibular e passou a ser medida pelo ENEM e com base nas notas do ensino médio, sem contar com as cotas para egressos do ensino público.

Nas palavras de André Salata (2018, p. 241):

Parece ser este o caso entre 1995 e 2005, quando a expansão do Ensino Superior ainda não acompanha o crescimento da demanda. Tal mecanismo, então, explicaria o motivo pelo qual somente entre 2005 e 2015 encontramos redução significativa das desigualdades de acesso ao Ensino Superior, condicionais à conclusão do Ensino Médio. Uma segunda explicação poderia girar em torno das políticas públicas, como o Prouni, Fies e as cotas, voltadas especificamente para a democratização do acesso ao Ensino Superior. Tais políticas foram criadas e/ou ganharam mais fôlego a partir da última década, e é possível que tenham tido algum efeito sobre a redução das desigualdades de acesso. Se, por um lado, a simples expansão da rede de ensino não provocaria, necessariamente, a democratização do acesso – conforme previsto pela MMI [Desigualdade Maximamente Mantida] –, por outro, uma expansão associada a políticas voltadas para sua democratização poderia produzir tal efeito. Infelizmente, no entanto, nossos dados não nos permitem testar especificamente as implicações de tais políticas para as desigualdades de acesso.

No âmbito da sociedade civil, a educação formal era vista, tanto pelos jovens como por suas famílias, como um investimento que poderia levá-los à mobilidade e à ascensão social, sendo por isso almejada, sobretudo, pelos filhos de operários.

O prolongamento do período de estudos, atrelado à maior dificuldade para ingressar no mundo do trabalho, acabou repercutindo na postergação da saída da casa dos pais e na constituição de uma vida conjugal.

A partir dos anos 1970 se verificou uma degradação das condições de inserção profissional dos jovens na França, relacionada ao aumento da precariedade e do desemprego, à diminuição dos salários pagos aos trabalhadores jovens e à precarização das condições de trabalho, que tiveram como consequência a dificuldade de estabilização da população jovem no mercado de trabalho. (Martins; Scherdien; Rocha-de-Oliveira; 2019, p. 576-566).

Tal fator contribuiu para que os jovens permanecessem mais tempo no sistema de ensino, com a expectativa de conseguirem empregos melhores com o aumento do número de anos de formação. Entretanto, hoje, semelhante aos franceses, no contexto brasileiro também se discute que a geração posterior à daqueles que se inseriram no mundo do trabalho nos anos de 1980 até meados dos anos 2000, mesmo tendo permanecido mais tempo em processo de formação, não conseguirão alcançar os mesmos patamares de renda e qualidade de vida que seus pais, vivendo sob o medo do rebaixamento social (PEUGNY, 2014).

Martins; Scherdien; Rocha-de-Oliveira (2019) ainda ressaltam que:

Tal situação não pode ser encarada como tendo o mesmo sentido para todos os jovens, reforçando que a juventude não constitui um grupo homogêneo e conseqüentemente, com relação ao entendimento de inserção profissional, apontar que outros elementos sociais como gênero, nível de formação, atividade e nacionalidade dos pais influenciam o processo de entrada na vida adulta (pag. 566-576).

Tal perspectiva possibilita que vejamos a inserção profissional como um conceito que vai além da relação econômica de oferta e procura. Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012a) mencionam que a vertente sociológica permite que se desvele a existência de diversos elementos que estão atrelados às dimensões culturais e simbólicas, as quais habitualmente não são contempladas em levantamentos estatísticos.

Segundo estes autores, no Brasil, as pesquisas sobre o tema começam a proliferar no início do século XXI, constituindo-se, basicamente, por estudos empíricos, com alguns autores focando sua análise na dicotomia inserção-exclusão, enquanto outros concentraram suas pesquisas nos egressos do Ensino Superior, considerando a inserção como um processo homogêneo, vivenciado por todos os indivíduos (ROCHA-DE-OLIVEIRA e PICCININI, 2012a).

No levantamento bibliográfico realizado para este artigo constatei que a situação do campo de estudo se modificou pouco, estando os trabalhos dispersos em várias áreas, como educação, economia e administração, e tendo a maioria destes não desenvolvendo o conceito de inserção profissional. Embora o interesse no trabalhador jovem como foco de estudo tenha crescido recentemente - são exemplos os trabalhos de OLIVEIRA e HONÓRIO, 2014; AMARAL e OLIVEIRA, 2017; FRANCO, MAGALHÃES e PAIVA, 2017; PAIVA, FUJIHARA e REIS, 2017; SOUZA, HELAL e PAIVA, 2017 -, ainda há poucos trabalhos que buscam discutir conceitualmente o processo de ingresso no mundo de trabalho. Com foco no aprofundamento teórico, merecem destaque os textos de Franzoi (2011) e Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012b).

Assim adotei neste ensaio o conceito de inserção profissional de Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012b, p. 49), que a entendem como processo individual, coletivo, histórico e socialmente inscrito:

Individual porque diz respeito à experiência vivenciada por cada sujeito na esfera do trabalho, suas escolhas profissionais e expectativas de carreira. É um processo coletivo por ser vivenciado de maneira semelhante por uma mesma geração, ou no interior de grupos profissionais. É histórico, pois se desenvolve ao longo de um período da vida do sujeito, sob a influência de elementos que marcam determinado momento no tempo e no espaço, como políticas públicas, mercado de trabalho, organização do sistema de ensino e políticas de recursos humanos e os pontos de vista “empresariais” sobre as relações entre educação e trabalho. Está inscrito em um dado contexto socioeconômico e cultural, em que, além dos elementos institucionais, há influência das construções e das representações sociais que os indivíduos desenvolvem em relação a esta inserção profissional.

Como pode ser observado, o conceito apresentado busca articular três dimensões: a primeira, individual está ligada à origem social e à trajetória laboral de cada um, onde irão emergir representações sobre o trabalho e expectativas profissionais; a segunda integra aspectos institucionais, notadamente a ação das empresas por meio das políticas de gestão de pessoas e das políticas governamentais voltadas à educação e ao trabalho; por fim, a dimensão contextual que integra aspectos sociais, econômicos e políticos da formação histórica do mundo do trabalho, bem como elementos conjunturais (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2012).

Assim, entendo que para refletir acerca da inserção profissional é necessário ponderar sobre os elementos sociais que influenciam os jovens na construção de suas

variadas trajetórias profissionais. Por esse motivo, neste trabalho assumo a perspectiva sociológica de inserção profissional, por entender que ele possibilita trazer novos elementos para a análise do fenômeno, além dos previstos na perspectiva econômica.

4. A INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO

Como parte do estágio de formação pedagógica, fui desafiado a trabalhar com uma turma de jovens formandos cheios de sonhos e ansiedades, compartilhando com eles minhas vivências e experiências profissionais, motivando-os a não desistirem de seus projetos, na certeza que o futuro lhes abriria as portas logo ali na frente, tal como aconteceu comigo que depois de 20 anos na carreira técnica, optei por realizar o sonho da docência, possibilitando compartilhar conhecimentos e experiências profissionais e quem sabe, fazer diferença no futuro dos jovens e na busca de um mundo melhor, são imperativas as perguntas: Como será o futuro desses jovens? Como o mundo do trabalho os recebeu? Conseguiram se adaptar? Encontraram dificuldades? Como conseguiram contorná-las? Na sequência, a partir do relato dos egressos, avaliarei e responderei estas questões.

Para começar a análise, alguns números podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1: Números comparativos à inserção profissional dos jovens

	<u>Setembro de 2019</u> (um mês pós formatura)		<u>Novembro 2020</u> (quinze meses pós formatura)	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Procurando Estágio	2	2		
Realizando Estágio	2	2		1
Emprego Efetivo			3	2
Desempregado			1	1

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 1, observa-se que em setembro de 2019, há um mês da conclusão do curso técnico, o índice de egressos realizando estágio e a procura de estágio era equilibrado, da mesma forma, com relação ao Sexo (Masculino e Feminino).

Uma questão importante que motiva o desenvolvimento das discussões da inserção profissional refere-se a idas e vindas ao mundo do trabalho, intercaladas por atividades temporárias e desemprego. Nessa perspectiva, pode-se inferir que o estágio curricular obrigatório previsto na legislação como uma política governamental voltadas à educação e ao trabalho, considerado na dimensão que integra os aspectos institucionais da inserção profissional, pode, dependendo das circunstâncias,

contribuir para a inserção precarizada no mundo do trabalho ou para a inserção qualificada, a depender das políticas de gestão de pessoas das empresas, conforme poderá ser observado na sequência.

O Egresso “A” (sexo Feminino) que cursava engenharia mecânica em Pelotas em 2019 procurava estágio em Caxias do Sul, mas dava preferência por Pelotas para continuar o ensino superior. Em novembro de 2020 ela estava na terceira tentativa: na primeira ela não conseguiu conciliar os horários de trabalho com os da Universidade e o estágio era não remunerado, no segundo desistiu por que não se sentiu acolhida e em novembro de 2020 informou que começaria nova tentativa na semana seguinte:

Após a formatura eu continuei na Faculdade, e a procura de estágio, enviei muitos currículos e nenhum estava me chamando para entrevista. Quando fui chamada na [removido] para fazer entrevista eu passei, porém o horário coincidiu com a faculdade aí eu acabei não aceitando e também o estágio obrigatório não seria remunerado. Há dois meses atrás eu enviei um currículo para [removido] e fui chamada 1 mês depois para fazer entrevista, fui aprovada e fiz um teste de projeto. Comecei na semana seguinte fazendo 5 dias de experiência, acabei desistindo do estágio por conta das pessoas, não me senti acolhida, teve uma pessoa que foi bem grossa comigo. Agora começo na semana que vem mais uma semana de experiência na [removido], estágio para setor de projetos ou almoxarifado.

Em 2019 Egresso “B” (sexo Masculino), após algumas tentativas, estava indo realizar estágio no interior de Santa Catarina. Em novembro de 2020 ele estava desempregado, mas pretende voltar a trabalhar no próximo ano:

Os motivos que me levaram a pedir demissão: O primeiro motivo foi o seguinte, tinha alguns dias da semana que eu ia trabalhar 4hrs da manhã e soltava as 18hrs ou até mesmo soltava as 23hrs e a chefia queria que fizesse mais do que podia, tipo ir quase todos os dias da semana inclusive finais de semana as 4hrs para soltar as 18 ou 23 hrs, O segundo motivo foi que eu comecei a notar que eles estavam roubando meu salário [...] quando veio o contracheque inteiro eu pedi demissão, porque eu vi que eles não estavam pagando todo meu salário.

O Egresso “C” (sexo masculino), que realizava estágio numa grande empresa em 2019, teve seu estágio renovado em julho de 2020 e já foi informado que será efetivado após a conclusão do estágio, estando bastante satisfeito profissionalmente:

[...] desde então tenho adquirido grandes conhecimentos contribuindo para o crescimento da empresa. Era uma oportunidade única, pois estou atuando na área em que eu me formei. Após concluir o meu estágio eu tinha como objetivo ser efetivado. E mês passado eu tive essa grande notícia de que eu seria efetivado logo após concluir meu contrato de estágio pois eu tive um grande desempenho no decorrer do meu estágio. [...] A minha adaptação foi super tranquila, fui muito bem recebido, eles me acolheram e me ajudaram sempre que eu precisei.

Esta empresa é a mesma que estagiaram os egressos “D” (sexo masculino) e “E” (sexo feminino), e logo depois em 2020, também ingressou na empresa como estagiário o egresso “F” (sexo feminino), e todos demonstraram satisfação com as condições de trabalho e aprendizado:

Estou realizando estágio na [removido], é uma empresa excelente no quesito organização e acolhimento aos colaboradores. Nos dois primeiros dias tivemos uma “integração” que serviu para nos mostrar como é a empresa de um modo geral. Atualmente eu estou na Engenharia e lá o pessoal é super receptivo - Egresso “E”.

Na mesma linha, o Egresso “G” (sexo masculino) que optou por permanecer em Pelotas logo após a formatura em 2019, para tentar estágio em empresas daqui pela proximidade da família, em 2020 está trabalhando como efetivo e também enaltece o acolhimento e crescimento como profissional:

Além do estágio eu consegui o emprego aqui, assinei como funcionário mesmo, estou trabalhando aqui, entrei em fevereiro, dia três de fevereiro, quase um ano já aqui com eles, gostei bastante, estou gostando, estou aprendendo bastante, cada dia aprendo mais um pouco aqui. Os que trabalham aqui também explicam bastante. Enfim, me adaptei bem aqui na oficina deles, peguei como mecânico, auxiliar técnico, não foi difícil a adaptação, me acolheram bem aqui, bastante gente me ajudou, me passaram o que sabiam e ainda passam conhecimento, ou seja, estou sendo bem orientado.

Já o egresso “H” (sexo feminino), que em 2019 estava à procura de estágio, em 2020 conseguiu realizar o estágio obrigatório, mas identificou dificuldades para encontrar vagas para o sexo feminino no mundo do trabalho local e no momento encontra-se desempregada, mas cogita procurar vagas em outras regiões:

Bom, eu fiz meu estágio na empresa [removido], fiz na área de projetos entreguei meu relatório e tô esperando para pegar o diploma só agora. Depois que saí de lá continuei largando currículo em outras empresas, mas até agora nada ainda, tá bem puxado de conseguir. Mas sinceramente não sei porque não me chamam, já larguei alguns (currículos) mas eu vejo que não é só comigo, uma colega de turma também estava com dificuldade de arrumar emprego, acho que é mais por ser mulher, sendo bem sincera! Aqui não tem tantas vagas femininas, mas eu penso em me mudar e tentar em outra Cidade futuramente.

Nos relatos acima, observa-se que quando a empresa utiliza o estágio como uma política de gestão de pessoas para formação de sua força de trabalho, esta atividade contribui positivamente para o acolhimento e segurança profissional dos egressos. Quando isso não ocorre, o processo se torna uma atividade individual do egresso para dar conta das exigências legais para a conclusão do curso, operando como um trabalho em condições de precariedade (sem remuneração, baixa remuneração, etc.)

Outra questão discutida no âmbito da inserção profissional e que foi uma motivação importante para realizar esta pesquisa é a continuidade dos estudos como uma estratégia para retardar a saída de casa e o ingresso no mundo do trabalho. A tabela 2 apresenta a situação dos egressos em relação a esta questão:

Tabela 2: Egressos e a continuidade dos estudos

EGRESSOS	A	B	C	D	E	F	G	H
----------	---	---	---	---	---	---	---	---

Já fazia outro curso	x					x		
Começou a fazer outro mas tem preferência pelo trabalho		x						x
Deseja buscar especialização após atuar como técnico	x	x	x	x	x	x	x	x

Fonte: Elaboração própria.

A tabela acima demonstra que, ao contrário de estudos que apontam continuidade dos estudos como forma de retardo para o ingresso no mundo do trabalho, isto não ocorreu com esta turma de egressos: ainda que relatem dificuldades de inserção no mundo do trabalho, nenhum optou pelo prosseguimento dos estudos como forma de postergação e todos projetam uma especialização no futuro como forma de evolução na carreira, independentemente da posição profissional que se encontram.

As palavras do Egresso “C” (sexo masculino) refletem esta ambição dos egressos com relação a continuidade de estudos e especialização:

Agora assim que eu me estabilizar pretendo investir cada vez mais no meu conhecimento fazendo uma faculdade de engenharia e sempre pensando em crescer cada vez mais, sabendo aproveitar as oportunidades.

Outro fato ponto importante, que merece atenção e análise apesar de não ter sido citado nos passos iniciais deste trabalho, diz respeito a Pandemia da Covid-19, que ocorreu em meio ao período de análise da trajetória dos egressos e influenciou nos seus rumos profissionais e direcionamentos no mundo do trabalho, causando angústia e desvios em suas carreiras profissionais.

Nas palavras do Egresso “E”(sexo feminino):

Infelizmente alguns colegas tiveram que ser desligados devido a pandemia. E foi muito estranho pois alguns tinham muita experiência já e foram embora enquanto continuava. Passei por redução de jornada, e foi bem tranquilo não tive contrato suspenso, pois como moro de aluguel meu chefe viu que minha situação poderia ficar complicada. Estar trabalhando na Pandemia é uma benção, pois os ‘caras grandes’ de lá foram saindo e eu ali no cantinho ficando, foi bem triste.

Complementando o cenário de Pandemia e sua interferência que citamos, o relato do Egresso “D” (sexo masculino) resume a situação enfrentada pela maioria dos egressos avaliados por este estudo:

Trabalhei os primeiros 6 meses na [removido] e eles quiseram renovar comigo por mais 6 meses, mas quando renovou estourou a pandemia e tivemos férias. Aí uma semana antes de acabar as férias, tive a notícia que eu seria o único que trabalharia presencial do meu setor na empresa, aí bateu aquele nervosismo, ansiedade (em meio a tudo que estava acontecendo pelo vírus), mas voltei, dei conta das tarefas que estavam por lá. Quando piorou a pandemia a empresa tomou outras medidas então fiquei com o contrato suspenso por um mês. Então com o contrato renovado por 6 meses eu só consegui trabalhar de verdade por 4 meses, porque dois foram perdidos por

conta da pandemia, então relativamente eu tive menos tempo para mostrar mais de mim e tentar a efetivação.

Um mês antes de acabar meu contrato na [removido], meu supervisor me chamou e me deu a notícia que eu não conseguiria ser efetivado pela falta de vagas que havia dentro do meu setor e pela situação financeira que a empresa se encontrava (muitas demissões ocorreram). Desde o aviso que eu não ficaria eu já comecei a procurar algo novamente.

Meu contrato acabou no dia 05/10/2020, exatos um ano depois que eu tinha me mudado para a cidade. Aí desde lá larguei muitos currículos, fui em muitas entrevistas, mas todas frustradas, porque pediam muitas experiências e para uma pessoa que recém tinha saído do primeiro estágio, não tinha muito a oferecer e sempre trancava na experiência. Fui a umas cinco ou seis entrevistas e nada deu certo.

Além das dificuldades da pandemia este egresso chama a atenção para uma outra dificuldade enfrentada pelos egressos jovens: a falta de experiência profissional que, num contexto de redução de postos de trabalhos, como discuti no início deste texto, passa a ser mais um fator de dificuldade de inserção profissional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em primeiro lugar é necessário destacar como limitação da pesquisa a questão curto intervalo de tempo para uma análise mais consistente da inserção profissional dos egressos, pois trabalhar com este conceito exige trabalhar com questões sociais bem mais amplas, as quais não eram possíveis no âmbito deste trabalho. Trazer brevemente a interferência da Pandemia do Covid-19, fez parte da tentativa de mostrar a complexidade deste processo e a potência deste conceito para o acompanhamento de egressos de um curso técnico.

Com as entrevistas e embasamento teórico do tema da inserção profissional, foi possível, no contexto dessa pesquisa, também reforçar algumas percepções preliminares, descartar outras hipóteses que não se confirmaram e chegar a algumas conclusões, as quais resumirei a seguir.

Foi possível identificar mais vagas de emprego técnico em regiões industrializadas, por exemplo a Serra Gaúcha, sendo que os egressos que optaram por permanecer em Pelotas demoraram mais a conseguir ingressar na carreira profissional.

A evasão de estudantes do ensino técnico para o ensino superior, mesmo apesar do aumento de vagas nesta modalidade, não se confirmou, pois todos os egressos optaram pelas suas carreiras profissionais e pela busca de especialização após ingressar no mundo do trabalho, não se confirmando como evidência de postergamento para ingressar no mundo do trabalho, mas sim como projeto de vida.

Com relação a percepção dos egressos da sua formação com o mundo do trabalho, alguns tiveram dificuldades com programas mais atualizados que não foram abordados no curso, mas demonstraram fácil adaptação pelo seu empenho e comprometimento, o que já podia ser percebido durante as aulas do curso.

Tivemos uma grata constatação: o ensino técnico demonstrou que ainda é importante e não mero coadjuvante para o desenvolvimento do país, mesmo apesar da crise financeira, pois a maioria dos estudantes conseguiu colocação no mundo do trabalho.

A exclusão generalizada dos jovens pela falta de experiência no acesso ao mundo do trabalho, também não se confirmou, pois foram poucas ocorrências de rejeição dos egressos às vagas de trabalho, mas reiteramos o curto espaço de tempo da pesquisa e os impactos da pandemia.

Foi possível também, identificar que não houve barreiras ao sexo feminino na concorrência de vagas no mundo do trabalho, como citamos acima, principalmente em regiões industrializadas, pois no mundo do trabalho local a dificuldade atinge ambos os sexos pela falta de postos de trabalho.

Já os egressos que já tinham optado por realizar outros cursos foram os que encontraram dificuldades com o mundo do trabalho, mas continuam com o ideal de ingressar na carreira técnica e atuar profissionalmente;

Para afirmar que os jovens permanecessem mais tempo no sistema de ensino, com a expectativa de conseguirem empregos melhores com o aumento do número de anos de formação conforme apontam estudos teóricos citados nesta pesquisa - encontramos limitações para a análise deste item em função do intervalo ser curto para uma análise mais consistente de dados, bem como esta pauta não foi citada pelos egressos nas entrevistas, logo não se confirmou.

Identificamos a relação da conjuntura política e econômica, atrelado a uma arquitetura institucional que expressa relações específicas (trabalho e remuneração): Os cinco egressos que estão trabalhando como efetivos em novembro/2020, estão satisfeitos com as suas condições de trabalho e remuneração, além de adquirir conhecimento e sentirem-se valorizados profissionalmente. Isto evidencia as condições de trabalho na Serra Gaúcha, que ativa o desejo de vários egressos irem para lá, inclusive durante a finalização deste trabalho um dos egressos foi chamado por uma empresa nesta região e assumiu uma vaga de estágio com chance de efetivação.

Na contramão do item acima, a precariedade do trabalho do Egresso que aponta que não recebia seus vencimentos com descontos excessivos gerou frustração, assim como do Egresso que comenta que seu colega foi desrespeitoso com ele, levando-o a pedir demissão.

Em relação às idas e vindas entre atividades temporárias e desemprego devido à crise econômica citados no desenvolvimento deste trabalho, constatamos que o intervalo da pesquisa não possibilitou uma análise mais consistente dessa questão devido ao curto período de análise, porém nos casos dos egressos que estavam realizando/procurando estágio em 2019, atualmente, somente um ainda não realizou e estágio obrigatório (conforme citado acima um dos egressos que ainda persistia nessa condição foi chamado em uma empresa na Serra para realização de estágio com possibilidade de efetivação pela condições oferecidas pela empresa), mas este não havia realizado o estágio obrigatório por opção, para realizá-lo em uma empresa que tenha possibilidade de efetivação, sendo este caso um dos desempregados. O

outro Egresso que consta na pesquisa como desempregado em novembro de 2020 já realizou o estágio obrigatório.

Diante dos fatos citados acima, concluímos que o percentual de empregados satisfeitos com as condições de trabalho compõem a maioria dos pesquisados (62,5%), não se confirmou a discriminação por sexo, os desempregados pretendem ingressar no mundo do trabalho assim que identificarem uma empresa que ofereça boas condições de trabalho com possibilidade de crescimento profissional e todos pretendem buscar qualificação na sua área de formação. Avalio que isso demonstra o comprometimento dos egressos em demonstrar suas habilidades profissionais, além de retribuir a sociedade o recurso investido na sua formação, porém o tema de inserção profissional, necessita de maior aprofundamento teórico e estudos focados para os egressos da formação técnica brasileira, a qual esperamos ter deixado com esta pesquisa material teórico e dados que contribuam para pesquisadores que venham a abordar o tema futuramente.

REFERÊNCIAS:

- ALVES, N. Inserção profissional dos jovens: do problema social ao objeto sociológico. 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-02.htm>>. Acesso em 16 out. 2020.
- AMARAL, R. C. G.; OLIVEIRA, L. B. Os desafios da primeira gestão: uma pesquisa com jovens gestores. In: **Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 3, p. 373-392, 2017.
- FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a. 164p.
- FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009b. 196p.
- FRANCO, D. S. MAGALHÃES, A. F.; PAIVA, K. C. M. Ações do imaginário organizacional moderno na subjetividade de jovens aprendizes do setor bancário. In: **Competência – Revista da Educação Superior do Senac-RS**, v. 10, n. 1, p. 11-30, 2017.
- FRANZOI, N. L. Inserção profissional. In: CATTANI, A. D.; HOLZAMANN, L. (Orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011. p. 229-231.
- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- MARTINS, Bibiana; SCHERDIEN, Camila; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. **Estrutura de classe e mobilidade social no processo de inserção profissional de jovens no Brasil: reflexões e agenda de pesquisa**. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, volume 17, número 3, p. (564-576), set, 2019.
- OLIVEIRA, L. B.; HONÓRIO, S. R. F. S. Atração e desligamento voluntário de jovens empregados: um estudo de caso no setor jornalístico. In: **Revista de Administração**, v. 49, p. 714-730, 2014.
- PAIVA, K. C. M.; FUJIHARA, R. K.; REIS, J. F. Valores organizacionais, valores do trabalho e atitudes retaliatórias: um estudo com jovens aprendizes em uma empresa pública. In: **Teoria e Prática em Administração**, v. 7, n. 1, p. 54-78, 2017.
- PEUGNY, C. **O destino vem do berço? Desigualdades e reprodução social**. Campinas: Papirus, 2014.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; PICCININI, V. C. Contribuições das abordagens francesas para o estudo da inserção profissional. In: **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 13, n. 1, p. 63-73, 2012a.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; PICCININI, V. C. Uma análise sobre a inserção profissional de estudantes de administração no Brasil. In: **Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 2, p. 44-75, 2012b.

SALATA, A. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas Redução nas desigualdades de acesso. In: **Revista de sociologia da USP**. São Paulo. 2018.

SOUZA, M. B. C. A.; HELAL, D. H.; PAIVA, K. C. M. Burnout e jovens trabalhadores. In: **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 25, n. 4, p. 751-763, 2017.

SERRANO, F., SUMMA, R. **Conflito distributivo e o fim da “breve era de ouro” da economia brasileira**. CEBRAP. São Paulo (SciELO). 2018.

YIN, Robert K. **Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim**. Tradução de Daniela Bueno. Porto Alegre, RS: Penso, 2016.